

Willian Douglas Guilherme
(Organizador)

Desafios e Soluções da Sociologia 2



Willian Douglas Guilherme
(Organizador)

Desafios e Soluções da Sociologia 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Rafael Sandrini Filho
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
D441	Desafios e soluções da sociologia 2 [recurso eletrônico] / Organizador Willian Douglas Guilherme. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Desafios e soluções da sociologia; v. 2) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web ISBN 978-85-7247-426-9 DOI 10.22533/at.ed.269192506 1. Sociologia – Pesquisa – Brasil. I. Guilherme, Willian Douglas. II. Série. CDD 301
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O livro “Desafios e Soluções da Sociologia” foi dividido em dois volumes, totalizando 42 artigos de pesquisadores de diversas instituições de ensino superior do Brasil. O objetivo da organização deste livro foi o de reunir pesquisas voltadas aos desafios atuais da Sociologia, assim como apresentar possíveis soluções para estes desafios.

No Volume 2, os artigos foram agrupados em torno de duas partes denominadas “Soluções da Sociologia”. Na Parte 1, são 13 artigos e as temáticas giram em torno da economia criativa, cidadania, meio ambiente, educação, tecnologia e literatura. E na Parte 2, os 9 artigos discutem temas como autoajuda, quilombo, identidade cultural e valorização profissional.

No Volume 1 as duas partes foram denominadas “Desafios da Sociologia”. Na Parte 1, são 11 artigos que discutem questões como a representação feminina e masculina, política LGBT, assédio moral e violência familiar. E na Parte 2, são 9 artigos que apresentam desafios à Sociologia por meio de discussões de temas como abuso sexual, masculinidades e racismo.

Entregamos ao leitor o Volume 2 do livro “Desafios e Soluções da Sociologia”, e a intenção é divulgar o conhecimento científico e cooperar com a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Boa leitura!

Willian Douglas Guilherme

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A CRIATIVIDADE Esvaziada: A Economia Criativa de acordo os Ministros da Cultura depois do término da Sec	
Diego Santos Vieira de Jesus	
DOI 10.22533/at.ed.2691925061	
CAPÍTULO 2	15
ABORDAGEM Fitoquímica e Farmacológica das folhas <i>Terminalia catappa</i> Linn (Combretaceae)	
Maria da Costa Belina	
Mônica Regina Silva de Araújo	
Beatriz Dias	
Francisco Washington Araújo Barros Nepomuceno	
Aluísio Marques da Fonseca	
Ana Isabel Vitorino Maia	
DOI 10.22533/at.ed.2691925062	
CAPÍTULO 3	28
ASPECTOS Socioambientais dos sistemas de Dessalinização implantados no Município de Barreira, Ceará, Brasil	
Maria Dasdores Gonçalo Costa	
Olienaide Ribeiro de Oliveira Pinto	
Juan Carlos Alvarado Alcócer	
José Wertson Gonçalo Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.2691925063	
CAPÍTULO 4	45
Cidadania e Participação Política: O que os livros didáticos de Sociologia falam sobre isso?	
Dayane Gomes da Silva Rodrigues	
Ninótica Rosa Vieira Andrade	
Marta da Silva Aguiar	
Ismael Ferreira do Nascimento	
João Vitorino dos Santos Gonçalo	
Isaiane Rozado Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.26919250634	
CAPÍTULO 5	58
CONJUNTO Arquitetônico do Largo e Beco do Boticário (RJ): Uma ruína esquecida?	
Patrícia Martins de Sá	
Maria Amália S. A. Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.26919250635	
CAPÍTULO 6	73
ESTUDO Quantitativo dos Impactos Ambientais dos Complexos Eólicos Santa Mônica e Rosa dos Ventos	
Guilherme Geremias Prata	
Rejane Félix Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.26919250636	

CAPÍTULO 7	86
FRONTEIRAS DE UMA SOCIEDADE DIGITAL	
Rosenilda Marques da Silva Felipe Antonio Idêrlían Pereira de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.26919250637	
CAPÍTULO 8	94
PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO NOS PROGRAMAS DE EDUCAÇÃO PROFISSIONALIZANTE: O PRONATEC	
Rodrigo dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.26919250638	
CAPÍTULO 9	107
RAÍZES DO ESTADO DE BEM-ESTAR SOCIAL	
Marclin Felix Moreira	
DOI 10.22533/at.ed.26919250639	
CAPÍTULO 10	120
SOLO E SOCIEDADE: CONHECIMENTO BÁSICO EM SOLOS NA MACRORREGIÃO DO MACIÇO DE BATURITÉ	
Murilo de Sousa Almeida Francisco Nildo da Silva Maria Brenna Mendes Cunha José Abel Aguiar Silva Paz Henderson Castelo Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.269192506310	
CAPÍTULO 11	126
SUPER HERÓIS, INFORMAÇÃO E MEMÓRIA NA ERA TRANSMIDIÁTICA: AS ADAPTAÇÕES DOS QUADRINHOS MARVEL PARA O CINEMA	
Robson Santos Costa	
DOI 10.22533/at.ed.269192506311	
CAPÍTULO 12	141
TECNOLOGIA, TRABALHO E TELETRABALHO NO PODER JUDICIÁRIO: DISCUSSÕES INICIAIS	
Maria Sara de Lima Dias Álaba Cristina Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.269192506312	
CAPÍTULO 13	151
TURISMO LITERÁRIO: RESGATE AOS LUGARES DE MEMÓRIA	
Nairon Gaia Coimbra Diana Priscila Sá Alberto	
DOI 10.22533/at.ed.269192506313	
CAPÍTULO 14	164
AUTOAJUDA E EXPERIÊNCIAS DE GERENCIAMENTO DAS EMOÇÕES: UMA ANÁLISE MULTIDIMENSIONAL	
Rossana Maria Marinho Albuquerque	
DOI 10.22533/at.ed.269192506314	

CAPÍTULO 15	180
COMIDAS MIGRANTES: ANÁLISES INICIAIS A PARTIR DA FEIRINHA DA JK EM FOZ DO IGUAÇU-PR	
Fátima Regina Cividini Paola Stefanutti Valdir Gregory	
DOI 10.22533/at.ed.269192506315	
CAPÍTULO 16	192
COMUNIDADE BARROSO (CAMAMU-BA) PÓS 2008 – A CERTIFICAÇÃO E A NOVA CONFIGURAÇÃO DE QUILOMBO	
Flavia Querino Da Silva Emily Alves Cruz Moy Ana Angélica Leal Barbosa	
DOI 10.22533/at.ed.269192506316	
CAPÍTULO 17	206
CONTORNOS DE UMA IDENTIDADE CULTURAL: O ARTESANATO COMO PATRIMÔNIO DO RIO GRANDE DO SUL	
Letícia de Cássia Costa de Oliveira Ana Maria Dalla Zen	
DOI 10.22533/at.ed.269192506317	
CAPÍTULO 18	219
MEMÓRIAS E NARRATIVAS DAS BANDAS FILARMÔNICAS PORTUGUESAS DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO - COMPREENDENDO A REALIDADE ATUAL	
Antonio Henrique Seixas de Oliveira Diana de Souza Pinto	
DOI 10.22533/at.ed.269192506318	
CAPÍTULO 19	236
OFICINA DE FOTOGRAFIAS E PESQUISA-AÇÃO: CONSTRUINDO FORMAS DE ACESSO A JUVENTUDE DO BARRO GUAJUVIRAS	
Luciane Marques Raupp	
DOI 10.22533/at.ed.269192506319	
CAPÍTULO 20	251
QUEM TEM FOME TEM PRESSA! BANCO DE ALIMENTOS, DIGNIDADE PARA O INDIVÍDUO	
Tauã Lima Verdan Rangel	
DOI 10.22533/at.ed.269192506320	
CAPÍTULO 21	264
SOCIABILIDADE EM CONDOMÍNIOS VERTICAIS DO PROGRAMA “MINHA CASA, MINHA VIDA” EM CURITIBA-PR: UMA AVALIAÇÃO DA PÓS-OCUPAÇÃO A PARTIR DA TRAJETÓRIA DE VIDA DE FAMÍLIAS BENEFICIÁRIAS	
Viviane Vidal Pereira dos Santos Maria Tarcisa Silva Bega	
DOI 10.22533/at.ed.269192506321	

CAPÍTULO 22 281

VALORIZAÇÃO DOS SERVIDORES E REFORMA PREVIDENCIÁRIA NA GESTÃO LULA: DOIS LADOS DE UM MESMO GOVERNO

Ninótica Rosa Vieira de Andrade
Dayane Gomes da Silva Rodrigues

DOI 10.22533/at.ed.269192506322

SOBRE O ORGANIZADOR..... 293

OFICINA DE FOTOGRAFIAS E PESQUISA-AÇÃO: CONSTRUINDO FORMAS DE ACESSO A JUVENTUDE DO BARRO GUAJUVIRAS

Luciane Marques Raupp

Universidade La Salle. Professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais, Canoas – RS.

RESUMO: Este trabalho visa articular questões ligadas aos temas memória social, juventude, identidade e violência, tendo como pano de fundo a análise de vivências comunitárias de jovens residentes no Bairro Guajuviras/Canoas – RS. Apresenta uma visão histórica do bairro, atrelada a análises sobre as manifestações de violência urbana no local e nas representações de jovens moradores por meio do desenvolvimento de uma Oficina de Fotografias realizada na Casa de Juventudes durante o segundo semestre de 2015.

PALAVRAS-CHAVE: juventude; violência; fotografia; memória social.

PHOTOGRAPHY WORKSHOP AND ACTION RESEARCH: BUILDING WAYS TO WORK WITH YOUTHS FROM GUAJUVIRAS NEIGHBORHOOD

ABSTRACT: This work aims to articulate

social memory issues with youth, identity and violence connected with an analyses of the community experiences of young people living in the neighborhood of Guajuviras/Canoas - RS. It offers a historical view of the neighborhood, linked to analysis of the manifestations of urban violence and the young's representations through the development of a Photography Workshop held in the Casa de Juventudes during the second half of 2015.

KEYWORDS: youth; violence; photography; social memory.

1 | INTRODUÇÃO

É no Guaju, no parque São José,

não marca bobeira senão não pára em pé

Parque São José – Código C-RS

Este texto busca articular questões ligadas à memória social, juventude, identidade e violência tendo como pano de fundo a análise de vivências comunitárias de jovens residentes no bairro Guajuviras, situado no município de Canoas, região metropolitana da cidade de Porto Alegre/RS¹. Apresenta uma visão

¹ Este artigo é uma versão ampliada e bastante modificada do trabalho completo intitulado “MEMÓRIA, JUVENTUDE E IDENTIDADE: A FOTOGRAFIA COMO FORMA DE (RE) CONHECIMENTO COMUNITÁRIO”, publicado nos anais do II Seminário internacional em Memória Social realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO em março de 2016.

histórica do bairro, atrelada a análises sobre as manifestações de violência urbana no local e nas representações de jovens moradores por meio do desenvolvimento de uma Oficina de Fotografias realizada na Casa de Juventudes do bairro Guajuviras durante o segundo semestre de 2015.

O bairro Guajuviras é fruto de uma ocupação popular do Conjunto Habitacional Ildo Meneguetti ocorrida no ano de 1987, a qual foi considerada a maior ocupação urbana do sul do país, unindo pessoas oriundas de diferentes organizações sociais em busca da efetivação do direito à moradia. Após a ocupação e posterior regularização das ocupações invadidas, o bairro apresentou acentuado desenvolvimento sem adequado planejamento urbano, sofrendo com o aumento das taxas de criminalidade. Com foco nessa realidade, no ano de 2009 o local acolheu um projeto governamental na área de segurança pública para sua transformação em um Território de Paz, tecnologia de ação e prevenção à violência sob um paradigma de segurança comunitária. O processo de implementação do projeto uniu instâncias municipais, estaduais e federais.

Em busca de uma aproximação às formas de expressão dessas questões no cotidiano dos jovens, suas memórias e representações sobre a vida no local, foi realizada uma pesquisa-ação com frequentadores da Casa de Juventudes (CJ) – um dos equipamentos sociais implantados pelo programa do Território de Paz. Unindo a observação participante à necessidade de efetivar formas de participação no cotidiano da CJ que permitissem aprofundar a compreensão da realidade dos jovens foi realizada uma Oficina de Fotografias voltada aos frequentadores da CJ durante o segundo semestre de 2015 como um dispositivo de acesso aos mesmos e as suas representações sobre cotidiano, identificações e projetos, compreendendo a fotografia como uma forma de reconstrução de memórias a partir de um olhar crítico sobre seu cotidiano. Fotos resultantes da Oficina realizada serão expostas ao longo desse trabalho, bem como trechos de falas que refletem como percebem o bairro e o ocupam.

2 | CRESCIMENTO URBANO E EXPRESSÕES LOCALIZADAS DA VIOLÊNCIA NO MUNICÍPIO DE CANOAS: O CASO DO TERRITÓRIO DE PAZ DO BAIRRO GUAJUVIRAS

O bairro Guajuviras está situado no município de Canoas, cidade da região metropolitana de Porto Alegre/RS. Caracterizada externamente como uma cidade cindida por rodovias, Canoas tem características topográficas que a ligam à ideia de passagem entre os municípios da região, particularidade ligada à fundação do povoamento urbano, ocorrida em 1874 com a inauguração do trecho da estrada de ferro que ligava as cidades de Porto Alegre e São Leopoldo. (FACHINELLO, 2012).

Elevada à condição de município em 1939, quando deixou de ser um distrito do município de Gravataí, Canoas apresentou um acelerado crescimento econômico principalmente a partir do final da Segunda Guerra Mundial quando, além de numerosas

indústrias, foram instaladas no município a Base Militar da V Zona Aérea e a Refinaria Alberto Pasqualini, impulsionando o desenvolvimento da cidade. Nas duas décadas posteriores à emancipação ocorreu um crescimento demográfico acelerado, o qual aumentou em 486% a população local. (ANGELI, 2015). Atualmente Canoas possui uma população de 323.827 habitantes sendo o quarto município mais populoso do Estado do RS e um polo industrial importantes, possuindo, com o segundo maior PIB do Estado (IBGE, 2010).

Acompanhando o acelerado crescimento urbano, a partir da década de 1980 a violência destaca-se como uma característica negativa presente no cotidiano de Canoas, refletindo uma tendência nacional presente em grande parte dos municípios situados em regiões metropolitanas. Nesta época houve uma significativa alteração no perfil de mortalidade do País, a qual passa de quarta à segunda causa de morte. (PALAZZO et al, 2008). Os conflitos sociais tornaram-se mais acentuados a partir desse momento, quando a sociedade assiste ao crescimento das taxas de violência em distintas modalidades, em especial, à emergência do narcotráfico a qual colabora para a desorganização das formas tradicionais de sociabilidade entre as classes populares. (ADORNO, 2002).

As expressões da violência urbana não são uniformes, mas espacializadas e tipificadas. Um exemplo foi divulgado pelo Observatório de Segurança Pública de Canoas (DAL SANTO; KERBER, 2009) que demonstrou que no ano de análise 87,7% das vítimas de homicídios eram homens e que os jovens morriam mais. Ainda no tocante à dimensão espacial, o estudo realizado apontou que o bairro Guajuviras apresentava a terceira maior taxa de homicídios do município, a qual era de 77,2 homicídios a cada 100 mil habitantes.

Conhecido como a “*Bagdá do Rio Grande do Sul*”, denominação que aponta para a disseminação de representações e memórias que associam o local à violência urbana e ao narcotráfico, o bairro Guajuviras tem uma história de surgimento que remonta a um movimento popular que culminou em uma grande ocupação em busca do direito à moradia. Sua fundação ocorreu a partir da ocupação do Conjunto Habitacional Ildo Meneghetti, da então Companhia de Habitação do RS, em 1987. Este conjunto habitacional havia sido planejado para contar com 30.000 unidades residenciais, as quais foram posteriormente reduzidas para 6.000 (PENNA, 1998). precarização das condições de vida de parte importante da população local.



Fotos 1 e 2. Vista de ruas do Bairro Guajuviras.

De acordo com KERBER e DAL SANTO (2014, p. 78) após a ocupação se delineou um perfil de vulnerabilidade social no bairro devido a forte presença de moradias em áreas irregulares, sem documentação oficial, característica esta que, acrescida a fatores econômicos como subemprego, baixa escolaridade, presença de violência e tráfico de drogas levaram à precarização de parte importante da população local. Em um estudo realizado no bairro na década de 1990 a violência já era uma questão fortemente associada ao Guajuviras, motivo de preocupação, divergências e estigmatização dos moradores, vistos pela população da cidade como provenientes de um “*local não confiável*” (PENNA, 1998, p. 52). Esse estudo mostrou a existência de uma divisão interna ao bairro que atribuía às práticas dos habitantes das subocupações a causa da violência local. Desde esta época já existiam projetos de prevenção à violência que resultaram apenas na instalação de uma unidade policial. Impulsionado pela alta taxa de homicídios foi implantado no Guajuviras no ano de 2009 o programa Território da Paz.

Criado no ano de 2007 pelo Ministério da Justiça por meio do Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania (PRONASCI) em parceria com a prefeitura municipal, o programa Território de Paz visava à melhoria de indicadores de violência em bairros vulnerabilizados com altos índices de mortes violentas, sob uma ótica preventiva. (SILVÉRIO; MEDEIROS, 2011). Este paradigma de segurança comunitária visava à implantação no local de um programa baseado em uma nova concepção de atuação policial visando fortalecer laços comunitários e implantar alternativas de mediação comunitária dos conflitos e foco na promoção de direitos. O processo de implementação do Território de Paz do Guajuviras seguiu a metodologia básica do programa, contando com ações integradas entre as polícias locais, instâncias comunitárias e de assistência social para a contenção da violência associada principalmente aos jovens. Dentre estas ações foram implementados policiamento ostensivo, instaladas de câmeras de vigilância e detectores de tiros e programas sociais. No que se refere a ações direcionadas aos jovens foram criadas a Agência da Boa Notícia, a Praça das Juventudes (complexo desportivo e de lazer) e um Centro de Referência para as Juventudes a CJ.

A CJ foi criada em 2010 com objetivo de desenvolver a inclusão social de jovens entre 12 e 29 anos por meio da oferta de um espaço protegido de convivência com

diversas oficinas culturais, atendimento psicossocial, um Telecentro Comunitário e a um estúdio público. O público alvo local variou ao longo do tempo, migrando de um foco inicial sobre jovens em situação de violência, passando por um segundo momento de abertura a jovens que ali chegavam por demanda espontânea e que fossem moradores do território. No ano de 2016 houve uma remodelação da CJ, com retorno ao foco inicial, o qual foi ampliado a partir de um diagnóstico que apontou o perfil de jovens envolvidos em situações de violência, focando a partir de então na atuação preventiva junto aos jovens em cumprimento de medidas socioeducativas, filhos de egressos do sistema prisional, envolvidos em situação de criminalidade, entre outros.



Fotos 3 e 4: Diferentes espaços da Casa de Juventudes do Guajuviras.

Como afirmado anteriormente, o Território de Paz do Guajuviras foi inicialmente considerado um sucesso devido à redução significativa nos índices de violência nos três anos iniciais de implantação (2009-2011), quando os índices de homicídios diminuíram 73,6%. Cabe destacar que a partir do ano de 2013 foi observado um aumento gradual nos índices de violência locais, levando a remodelações no projeto inicial, com mudanças nos programas sociais e foco maior nas questões de policiamento, bem como redução de verbas para custeio dos projetos sociais. Atualmente o projeto foi extinto, após ter passado por uma diminuição em 2016, quando foi municipalizado.

Embora sejam escassos os estudos qualitativos capazes de apreender como as mudanças ocorridas no bairro impactaram o cotidiano de seus habitantes, algumas aproximações foram feitas. Um estudo importante nesse sentido, visou compreender as opiniões e representações dos jovens do bairro acerca da presença de violência e do impacto do projeto em curso (KERBER; DAL SANTO, 2014, p.93). Os resultados apontaram que os jovens manifestaram perceber: *“maior uso e ocupação dos espaços públicos do Território (...) o que possibilitou, decerto, com limites inegáveis, uma maior convivência entre as pessoas, favorecida pela sensação de segurança e mitigação de indicadores de vitimização letal”*.

Um estudo que destacou outras formas de percepção acerca do impacto do Território de Paz no cotidiano dos jovens foi a dissertação de mestrado de Neves da Rosa (2012) que por meio da abordagem etnográfica abordou a visão dos jovens sobre os primeiros anos de implantação do Território de Paz. Segundo o autor, os

jovens participantes do projeto demonstravam reações negativas a alguns dispositivos instalados no bairro, em especial às câmeras de segurança. Estes eram interpretados como formas de controle e regulação social. Para os jovens, ao invés de investir em dispositivos de controle social seria mais importante investimentos em melhorias na infraestrutura do bairro. (NEVES DA ROSA, 2012). Em outro trabalho sobre o mesmo tema publicado anos antes (Neves da Rosa et al, 2010, p.76) afirmavam que as dificuldades sentidas na interação com os jovens, principalmente no tocante a estimular sua participação em atividades dos projetos implantados, eram compreendidas como formaz de resistência às práticas de controle em curso no território.

Em uma via semelhante, encontramos resistências no engajamento dos jovens as atividades da pesquisa. Quando propomos a oficina de fotografias, a qual será melhor discutida abaixo, encontramos jovens tímidos e relutantes em aderir às propostas oferecidas, tal qual observávamos em outras ações realizadas na CJ. Compreendemos que esse funcionamento apontava a necessidade de implementar um trabalho paciente de aproximação aos jovens e suas formas de sociabilidade para uma possível compreensão do impacto e possível benefício para os mesmos das ações propostas no território. Conforme Freire (2006b) não se pode conhecer a realidade dos pesquisados a não ser tendo-os como coparticipes, como sujeitos de um conhecimento que provem de sua experiência cotidiana o qual pode vir a se tornar um novo conhecimento, agora compartilhado.

3 | MEMÓRIA, JUVENTUDE E FOTOGRAFIA

Para pensar a relação entre memória, juventude e fotografia e necessário compreender a Memória Social como um conceito difícil de delimitar, interdisciplinar, construído a partir do tensionamento de diferentes perspectivas disciplinares (BERNDT; MANGAN, 2014). Tal qual o conceito de memória, o de identidade encontra-se também no bojo de processos interdisciplinares, sendo compreendido por ângulos diversos a partir da perspectiva escolhida para análise.

Halbwachs (2006) propôs o conceito de Memória Coletiva, referindo-se aos quadros sociais que a compõem. Para o autor não existe memória puramente individual, pois os sujeitos interagem e sofrem a ação dos demais, através dos contextos e instituições com os quais interagem. Pollak (1992) destaca que memória deve ser compreendida como um fenômeno social, coletivo e sujeito a constantes variações, pois, embora sejam os sujeitos que se lembrem, esta ação se dá sempre em meio a vivências sociais, sejam elas diretas ou indiretas, remetendo a um imaginário compartilhado (BERNDT; MANGAN, 2014). Dessa forma, acontecimentos vividos pessoalmente ligam-se aos vividos pelas coletividades, incluindo elementos que não foram vivenciados no mesmo espaço-tempo, mas que marcaram um passado coletivo (POLLAK, 1992). Assim as lembranças são coletivas e reforçadas pelos outros, mesmo se tratando

de acontecimentos nos quais estávamos sozinhos, dado que temos grupos sociais internalizados, constituindo nossas subjetividades (HALBWACHS, 2006).

De acordo com Pollak (1992, p. 204), se a memória é uma construção individual e social, pode-se dizer que há uma ligação estreita entre memória e identidade, a qual seria “o sentido da imagem se si, para si (...), a imagem que a pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros”. Para o autor esta interação entre memória e identidade, principalmente no que refere as memórias que não foram construídas a partir de vivências pessoais, mas herdadas, seja através de interações familiares, comunitárias ou mesmo a partir das “memórias por tabela”. Assim, a memória é um elemento fundamental do sentimento de identidade, dando a sensação de continuidade e coerência (POLLAK, 1992).

Quando o foco de estudo se centra nas relações entre memória social e juventude, algumas demarcações se fazem necessárias. Inicialmente é importante descolar a noção de juventude de recortes tradicionais que a definem como um grupo homogêneo, mera expressão de parâmetros demográficos (período da vida humana que vai dos 15 aos 29 anos), biológicos e/ou psicológicos, os quais são importantes como marcadores iniciais, mas insuficientes para demarcar todos os aspectos socioculturais presentes nessa etapa. Elegendo outra via para a compreensão das expressões dessa fase, compreende-se atualmente a inexistência de uma categoria homogênea face à diversidade dos grupos juvenis presentes na realidade social, os quais conformam uma construção social formada por um conjunto heterogêneo, expressão de distintas oportunidades e relações de poder construídas socialmente, conformando processos de subjetivação ligados a relações de classe social, gênero, etnia, etc. (ESTEVEZ; ABRAMOVAY, 2007). Nesta vertente de entendimento, opta-se pelo termo *juventudes*, no plural, visando dar conta de toda a gama de possibilidades inerentes a essa categoria, reconhecendo a existência de múltiplas culturas juvenis com pontos de aproximação e divergência entre si. (ESTEVEZ; ABRAMOVAY, 2007).

Nesse sentido, podemos considerar que as escolhas dos jovens e suas expressões culturais se interligam ao campo da memória social, instância que coaduna passado e futuro, orientando e sendo fruto de valores, normas e experiências oriundas de contextos familiares e sociais que se unem, conformando sentidos de identidade pessoal (MARTINS, 2011). Assim a construção de identidades na atualidade supõe uma implicação mútua entre as instâncias herdadas de identidade (nação, linhagem, família) e as que são construídas no contato dos jovens com diferentes meios e influências sociais. (VELHO, 2003). A consciência e valorização de uma identidade, baseada em uma memória que dá consistência à biografia, seria o que possibilitaria a formação de projetos de vida, pois ao contactar com as instâncias de memória o jovem entra em contato consigo mesmo e se reconhece, ao mesmo tempo em que se encontra com o seu espaço social de referência. (MARTINS, 2011). Portanto, se

a memória permite uma visão retrospectiva da biografia, o projeto é a antecipação dessas trajetórias. Assim, na constituição da identidade memória e projeto articulam-se ao dar significado a vidas e ações, processo permeado pelas características de cada momento histórico. Segundo Martins (2011, p. 219) “*memória é identidade*”, pois se esta expressa uma individualidade, a mesma só é possível pelo caminho da memória.

Levando em conta tanto as características das juventudes na atualidade, o trabalho desenvolvido na CJ por meio da Oficina de Fotografias, buscou atuar como um dispositivo capaz de disparar formas de aproximação da realidade, memórias e representações dos jovens por meio de algo atraente para eles, as fotografias digitais. Sabe-se da atratividade das fotografias digitais na atualidade, da forma como popularizaram a fotografia, ocupando um espaço considerável nas novas sociabilidades juvenis, independentemente de diferenciações ligadas a questões econômicas. Atualmente a grande maioria dos telefones celulares possui uma câmera digital, possibilitando um amplo acesso a fotos, as quais são automaticamente compartilhadas via redes sociais, alimentando uma cultura contemporânea onde se destaca a onipotência das imagens. Dessa forma as fotografias digitais operam como meios de acesso aos ritmos e à estética da produção de subjetividade contemporânea na qual mudam a noção de tempo e espaço, onde o tempo é fugaz e sempre em trânsito, confrontando noções de tempo linear e das imagens como duplicidades do real, convocando ao registro e, ao mesmo tempo, à criação. (KIRST; FONSECA, 2010).

Utilizando esse dispositivo apostamos que por meio do dispositivo Oficina de Fotografias e da incitação à discussão sobre fotografia e da criação de situações que convocassem à captação de imagens os jovens poderiam registrar imagens que proliferam em seu cotidiano, construindo coletivamente novas formas de significá-las e reconstruir memórias. Segundo Kirst e Fonseca (2010, p. 402), as imagens ligam-se ao “*esforço de decifrar e tornar possível*” e, como um espelho, ajudam na atribuição de sentidos ao mundo que nos cerca.

Considerando a memória como constituída por imagens que afloram, mesclando tempos diversos e presentificando sentimentos e acontecimentos, a fotografia pode constituir-se como uma forma privilegiada para captar tais fluxos. Para Proust (2004), a fotografia deflagrava a necessidade da narrativa, assim como era uma aliada da memória, colaborando com a imaginação. Além disso, considerava a fotografia como uma ferramenta para a fixação da memória, pois esta resgatava o tempo mediante as imagens. No mesmo sentido, Pereira da Silva (2016, p. 310) destaca que a fotografia pode ser considerada um “*sociograma de cunho testemunhal*” ao fixar-se num movimento incessante de projeção de elementos do passado para o futuro. Assim, na fugacidade do contemporâneo:

A leitura e criação da imagem digital colocam em jogo a formação do olhar ou, mais exatamente, como se produz subjetividade e isto se dá através da memória como mar de imagens pronto a ser cartografado pelo presente, memória como espaço virtual capturado pela última vista. Nem passado, nem futuro, inexoravelmente o agora é que nos defronta. O passado pode vir, mas sempre atravessado pela

última cena. Quanto ao futuro, simplesmente não existe, é somente imagem. (...) A captura da imagem é da mesma ordem da lembrança, ao lembrarmos estamos criando e decifrando o próprio corpo. (KIRST; FONSECA, 2010, p. 402).

Na Oficina de Fotografias os jovens exercitaram formas de expressão e de representação da realidade usando a fotografia como meio para disparar novas formas de ver, sentir e lembrar, as quais alimentaram e suas memórias, sendo por estas influenciadas. Utilizadas como forma de interação, mas também de cartografar as experiências dos jovens por meio das imagens que registravam, estas operavam como forma de resgatar, compreender e ressignificar elementos sociais e culturais que permeavam seu cotidiano, dado que se a memória é um aglomerado de registros do vivido em determinado contexto histórico, a fotografia se põe como um artefato de registro visual capaz de captar recortes da experiência, produzindo memória (PEREIRA DA SILVA, 2016).



Foto 5 e 6. Fotos de cenas do cotidiano registradas pelos jovens.

4 | OFICINA DE FOTOGRAFIA COMO DISPOSITIVO DE AÇÃO E ACESSO À MEMÓRIA

Com o apoio da Casa de Juventudes desenvolvemos uma ação intitulada “Memória social, juventude e identidade: a fotografia como forma de (re) conhecimento comunitário”, sob a forma de uma pesquisa-ação vinculada ao projeto maior de pesquisa citado acima. Executada na forma de uma Oficina de Fotografia oferecida aos jovens que frequentam a CJ a ação foi elaborada como uma via de acesso aos mesmos, dadas as dificuldades iniciais sentidas pelos pesquisadores em se aproximar efetivamente dos jovens, bem como um meio para co-construir com os jovens um olhar crítico sobre seu cotidiano.

A pesquisa-ação se configura como um apropriado método de condução de pesquisa aplicada, orientada para a elaboração de diagnósticos, identificação de problemas e busca de soluções. Lindegren et al (2004) caracterizam-na como um método que permite testar hipóteses sobre o fenômeno de interesse, implementando

e acessando possibilidades de mudanças no cenário real. Segundo os autores nesse tipo de investigação o pesquisador assume a responsabilidade não apenas de assistir aos atores envolvidos através da geração de conhecimento, mas também de aplicação deste em prol dos próprios sujeitos investigados, em uma relação de co-produção de conhecimentos e possíveis mudanças. Além disso, a pesquisa-ação, da mesma forma que as ações de extensão, fornece um meio de aproximação e contribuição da academia para com a sociedade, usando a pesquisa como forma de relação comunitária, desenvolvendo uma ação que gera conhecimento e utiliza a democracia participativa como método. (BERNARDES, 2013).

A equipe era constituída pela pesquisadora e duas bolsistas de Iniciação Científica, além de contar com a participação de um fotógrafo voluntário e o apoio da equipe da CJ em termos de suporte técnico e acesso aos espaços da casa. A oficina ocorreu de outubro a dezembro de 2015, com periodicidade semanal e duração de 1h30 cada encontro. A adesão dos jovens era voluntária e flutuante, pois nem todos participavam de todos os encontros, tendo em vista que em algumas semanas ocorreram atividades concomitantes, parte da programação rotineira da CJ. Inicialmente 10 jovens se inscreveram para participar da ação, os quais tinham idades entre 12 e 24 anos e utilizavam seus telefones celulares para fotografar. Em alguns momentos - como em uma atividade na qual o grupo saiu da CJ para fotografar o bairro - jovens que não estavam inscritos se integravam ao grupo. Compreendemos que a presença ‘flutuante’ nas atividades se devia à dinâmica local, a qual tinha por princípio a participação livre nas atividades.

Para estimular a participação e divulgar as fotos registradas pelos jovens foram utilizadas redes sociais (WhatsApp, Facebook), inclusive com a criação de uma página onde podiam compartilhar e ‘curtir’ as fotos. Na tabela abaixo estão expostas as atividades e datas de cada encontro.

Data	Atividade
19/10/2015	Início da Oficina de Fotografias: divulgação e montagem de lista de participantes
26/10/2015	Oficina de Fotografias: Presença do fotógrafo voluntário e trabalho com o Livro Zoom.
17/11/2015	Oficina de Fotografias: Troca e discussão sobre as fotos tiradas durante a semana.
24/11/2015	Oficina de Fotografias: Caminhada pelo bairro para fotografar.
01/12/2015	Reflexão sobre o fotografar com projeção de vídeo e fotos.
08/12/2015	Oficina de Fotografias – ação desenvolvida: fotografar algum lugar da CJ.
15/12/2015	Oficina de Fotografias: Escolha de fotos para exposição no Sarau da CJ.
18/12/2015	Sarau Casa das Juventudes: exposição das fotos selecionadas e encerramento.

Tabela I. Cronograma de atividades presenciais do projeto.

Durante os encontros estimulávamos o exercício do estar em grupo, trocando experiências e olhares sobre o bairro. Nos deparamos com uma timidez inesperada quando os jovens eram chamados a expor seus relatos, a qual contrastava com suas formas grupais de interação, levando a equipe a se reinventar no processo no esforço de compreender e se adaptar as suas formas de socialização, o que foi parte fundamental da produção de conhecimento obtida com o grupo.

Os momentos em que foram passadas novas informações, tais como quando esteve presente um fotógrafo fornecendo noções básicas de fotografia e o contato com o *livro Zoom* (BANYAI, 1995) foram particularmente ricos. Na interação com o fotógrafo percebia-se o interesse dos jovens em ampliar as possibilidades de uso da fotografia, bem como sua empolgação frente à possibilidade de interagir como uma câmera profissional. Por meio do trabalho com o *livro Zoom* foram propostas reflexões sobre os efeitos do deslocamento do olhar proposto pelas imagens do livro a partir de uma pergunta inicial: O que você vê? A ação sobre o livro abordou as possibilidades de uso das imagens para registro e ampliação das vivências. Também foram ricos os momentos de saída para fotografar, provocando novas formas de percepção do cotidiano, ao mesmo tempo em que a equipe podia estar presente em momentos de livre descontração dos jovens, conhecendo melhor suas formas de sociabilidade.

Diferentemente do que supomos ao começar a oficina, questões sobre a história do bairro, a presença da violência ou acerca das repercussões do projeto Território da Paz não apareciam espontaneamente na fala dos jovens. Quando indagados, na maioria das vezes desviavam do assunto, preferindo não abordar a temática ou alegando que o bairro era um lugar tranquilo para circular, como nas falas a seguir: *“Não tem nenhum lugar que não indico de frequentar no bairro”. “(...) lugares para não ir não tem, pode ir a todos, tem alguns lugares que tu não pode ir de noite é meio ariscado, mas durante o dia é tranquilo”.*

Por outro lado, alguns lugares ligados a subocupações (ocupações de terrenos que se deram após a ocupação do conjunto habitacional que fundou o bairro) eram apontados como mais perigosos, onde se deve evitar a circulação: *“Lugar que é ruim de ir é a Contel, pois ali tem muito tiroteio muita morte, pois tem muitas casas de drogas já passei por varias ali e eu não gosto, não dá”.* Ainda, segundo uma jovem: *“Lugar que não é legal de frequentar é a gruta por que é um lugar mais violentado porque muitos jovens já morreram lá, a gruta fica atrás da praça da brigada, os motivos que eles já foram mortos é drogas e violência”.*

Cabe destacar que os jovens ressaltavam comumente em suas falas a importância de frequentar a CJ e outros locais como a Praça de Juventudes - implantados com recursos do Território de Paz -, embora para alguns o bairro ainda carecesse de locais que facilitem um convívio protegido: *“Gosto aqui da Casa, da praça atrás do Caic, pois é tranquilo não tem tiroteio essas coisas, ali é paz e aqui na Casa, pois ali já tem todas as regras, não pode namorar, não pode jogar as coisas, daí é isso que eu gosto na Casa, pois a Casa tem regras”.* Quando indagada sobre onde gostava de tirar fotos, um

jovem aponta novamente a CJ: *“O primeiro lugar que a gente pode ir para tirar fotos é na Casa das Juventudes, lá é calmo tem bastante paredes pichada, coisa assim. para tirar fotos e a paisagem é bonita também e eles fizeram não faz muito tempo aquela praça e tão metendo uns grafite lá legal”*. *“Lugares legais é a Praça das juventudes, Casa das Juventudes e Mulheres da Paz, e lugares não tão bom é a Contel”*. Ainda segundo outro jovem, apesar de dizer gostar de frequentar a Praça das Juventudes e a chamada “Praça da Brigada”, deveriam existir mais atividades voltadas aos jovens no Guajuviras.

Compreendemos que estas falas sobre lugares que gostam de frequentar ressaltam a importância dos equipamentos sociais implantados pelo Território de Paz, possibilitando o encontro protegido entre jovens, bem com a experimentação de atividades esportivas, culturais e de formação de cidadania, tal qual o foi o contato proporcionado pela oficina com a fotografia como forma de registro do cotidiano e de suas formas de sociabilidade. Conforme abordado em texto do Instituto Sou da Paz (2010), os lugares onde há maior índice de mortes violentas de jovens são permeados por condições sociais que permitem manifestações de violência com mais frequência. Nestes locais, segundo os autores, se destaca a insuficiência da presença do poder público como propiciador de formas positivas de interação e de lazer comunitários por meio da instalação e manutenção continuada de espaços públicos de lazer, esportes e cultura. A esta ausência soma-se a oferta abundante de substâncias psicoativas, a falta de manutenção de iluminação e áreas públicas, favorecendo o afastamento da população de determinados locais, facilitando assim a proliferação do crime e o consequente aumento do sentimento de insegurança. (INSTITUTO SOU DA PAZ, 2010).

Além destes fatores, destacamos o papel nefasto das representações sociais sobre o bairro Guajuviras como local perigoso e marginalizado, o que faz com que muitos jovens sintam-se envergonhados e desvalorizados por terem projetadas sobre suas identidades as representações negativas que associam o bairro à criminalidade. Neste caminho projetam-se sobre os moradores memórias ligadas à história de abandono social a que o bairro foi relegado por anos - história esta que, nas falas dos próprios jovens, poderia ser revertida com a continuidade dos investimentos feitos no local a partir da implantação do Território de Paz.



Fotos 7 e 8. Caminhada pelo bairro para fotografar



Fotos 9 e 10. Jovens fotografando.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na realidade complexa e multifacetada da atualidade a temática da juventude tende a ganhar destaque a partir da emergência de situações-problema, quando jovens se envolvem em episódios violentos, compreendidos assim como uma categoria de risco ou, por outro lado, como consumidores passivos expostos ao um bombardeio de imagens fugazes. Buscando outros olhares sobre a juventude, compreendemos a importância de uma aproximação para além da mercantilização das culturas juvenis, enfocando na riqueza e diversidade de formas de socialização e de produção de cultura. (MARTINS, 2011).

Nas observações efetuadas na Casa de Juventudes encontramos grupos geradores de cultura que tinham no local um ponto de organização e de incitação à criação, formando uma comunidade afetiva ligada pelo pertencimento comum a um mesmo território, colaborando para o fortalecimento de uma convivência pacífica e criativa. A temática da violência surgia como uma presença constante e naturalizada, mesmo que muitas vezes silenciada ou banalizada, reflexo da memória e do cotidiano do bairro, mas as oportunidades de socialização criadas nesse espaço atuavam como formas possíveis de resistência ao que muitas vezes se impõe como um 'destino' aos

jovens.

Nesse contexto a Oficina de Fotografias procurou atuar como mais um dispositivo para a circulação de palavras, histórias e memórias. Apostamos na ideia de que por meio de uma tarefa comum o trabalho em grupo pode potencializar lembranças, caracterizando pontos de identificação e de memória coletiva. (MARTINS, 2011). Durante o percurso da Oficina, o qual não se deu isento de dificuldades e dúvidas, podemos gradualmente experimentar a construção de uma relação de proximidade com os jovens e com seu universo de representações comunitárias e sociabilidades. Além disso, desfrutamos juntos do percurso efetuado, finalizado com a realização de um Sarau no qual fotos selecionadas pelos jovens foram impressas e expostas, deixando nas paredes da Casa de Juventudes um pouco das memórias (re) construídas nesse processo.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Sérgio. Exclusão socioeconômica e violência urbana. *Sociologias*, n.8, p.84-135, 2002.

ANGELI, Douglas Souza. Existir e morar na cidade: vinte anos do projeto Canoas – Para lembrar quem somos. *Mouseion*, n. 25, pp. 109-122, 2015.

BANYAI, Istrain. **Zoom**. São Paulo: Editora Brinque Book, 1995.

BERNARDES, Jacira Gil. **Democratização do acesso à leitura e à informação: a construção de um equipamento coletivo**. Dissertação. Canoas: Centro Universitário Unilasalle, 2013.

BERND, Zilé; MANGAN, Patrícia Kayser Vargas (orgs.). **Dicionário de expressões da Memória Social, Bens Culturais e Cibercultura**. Canoas: Editora Unilasalle, 2014.

BYDLOWSKI, Cynthia Rachid (Eds). **Violência e Juventude**. São Paulo: Editora Hucitec, 2010.

HALBWACHS, Maurice. **Memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

IBGE. **Dados do Censo 2010**. Disponível em: http://www.censo2010.ibge.gov.br/dados_divulgados/index.php?uf=31. Acesso em 12 março 2016.

DAL SANTO, Rafael; KERBER, Aline de Oliveira. **Estudo dos homicídios em Canoas (2009). Relatório de pesquisa, 2010**. Disponível em: http://www.forumseguranca.org.br/storage/download//estudo_de_homicidios_em_canoas.pdf. Acesso em: 16 de junho 2016.

KERBER, Aline de Oliveira; DAL SANTO, Rafael. **Relatório de Pesquisa: estudo dos homicídios em Canoas (2009)**.

KERBER, Aline de Oliveira; DAL SANTO, Rafael. Muitas cabeças, muitas sentenças: uma mirada acerca das representações sociais das juventudes do bairro Guaçuviaras (Território de Paz) na cidade de Canoas/RS. *Revista Diálogos Possíveis*, v. 13, n.1, 2014.

INSTITUTO SOU DA PAZ. **Grêmio em forma: o fomento à participação dos jovens na escola como estratégia de prevenção à violência**. In. WESTPHAL, Márcia Faria; RACHYD, Cintia. *Violência & Juventude*. São Paulo: Editora Hucitec, 2010.

FACHINELLO, Alessandra. **O patrimônio ambiental em Canoas, Rio Grande do Sul: avaliação da conservação e recomendações de uso de áreas naturais remanescentes.** Dissertação de mestrado. Canoas: Centro Universitário Lasalle – Unilasalle, 2012.

GAMALHO, Patrícia Nola; HEIDRICH, Álvaro Luiz. **“A gente é da vila, mas não é bandido!” O lugar e a juventude nas representações sociais dos jovens do bairro Guajuviras - Canoas/RS.** Para Onde!?, v.6, n.1, p 57-63, 2012.

LINDGREN, Richard; HENFRIDSSON, Ola; SCHULTZE, Ulrike. **Design principles for competence management systems: a synthesis of an action research study.** MIS Quarterly, Minnesota, v. 28, n.3, p. 435-472, 2004.

MARTINS, Carlos Henrique dos Santos. **Juventude e memória: lembranças de tempos recentes.** Ciências Sociais Unisinos, São Leopoldo, v.47, n.3, pp. 218-227, 2011.

PALAZZO, Lílian dos Santos et al . **Violência física e fatores associados: estudo de base populacional no sul do Brasil.** Revista de Saúde Pública, v.42, n.4, p. 622-629, 2008.

PENNA, Rejane. **Canoas – para lembrar quem somos: Guajuviras.** Canoas: Editora do Unilasalle, 1998.

PEREIRA DA SILVA, Sérgio Luiz. **Desafios metodológicos em memória e fotografia.** IN DODEBEI, Vera; FARIAS, Francisco R.; GONDAR, Jo. Por que memória social? Rio de Janeiro: Híbrida, 2016.

POLLACK, Michel. **Memória e Identidade Social. Estudos Históricos.** Rio de Janeiro, 5(10), pp. 200-212, 1992.

RAUPP; Luciane; RODRIGUES, Celso. **Observatório de Juventudes em Situação de Prisão: primeiros registros de novos olhares.** In: ALEXIUS, Átila et al (Org.). V Seminário Observatórios, Metodologias e Impactos: Dados e Participação. 1ed. São Leopoldo/RS: Editora Unisinos, 2016.

SILVÉRIO, Leila Joyce M.; MEDEIROS, Moíza Siberia S. **A interface da violência no processo de escolha do Território da Paz do Grande Bom Jardim pelo PRONASCI: a Mediação Comunitária como alternativa pacífica na resolução de conflitos.** III Seminário internacional violência e conflitos sociais: ilegalismos e lugares morais, Fortaleza-CE, 2011.

VELHO, Gilberto. **Memória, identidade e projeto.** In: VELHO, Gilberto. Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2003.

PROUST, Marcel. **Em busca do tempo perdido.** Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

WAISELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da violência dos municípios brasileiros.** São Paulo: Ideal Gráfica e editora, 2011.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-426-9



9 788572 474269